

XVI Domingo Tempo Comum

Horários da Paróquia da Nazaré

Paróquia da Nazaré

Avenida Colégio Militar apartado 2909,
9001-601 Funchal

Telf: 291 775 109 Fax: 291 764 005

Email: geral@igrejadanazare.com
paroco@igrejadanazare.com

Igreja da Nazaré

De 2ª a Sábado às 19h

Domingos às 09h30

(primeiro domingo de cada
mês missa às 17h)

Cartório 4ª e 6ª das 17h às
18h45

Capela do Pilar

De 2ª a Sábado às 08h 15

Domingos às 12h

Fundação Cecília Zino

3ª, 5ª, 6ª e Sábados às 18h

Domingos às 11h

25 de Julho de 2009 às 10h na Sé do Funchal
teremos 3 ordenações diaconais para a Diocese do
Funchal, rezemos por estes três jovens para que
sejam Santos Sacerdotes neste ano sacerdotal.

www.igrejadanazare.com

22 Julho: Grupo bíblico às 19h e Exposição
do Santíssimo Sacramento até às 24h

Para este verão inscreva-se nos cursos de
Cozinha, Agulha e Linha, Artes Florais, **Vio-
la e Bateria** e Saladas e cocktails .

Pensamentos...

"Recordas-te da visão de Jacob, da escada que da terra subia ao Céu e dos Anjos que subiam e desciam por meio dela? Os Anjos levavam a Deus, sem cessar, as suas orações, e a Jacob traziam-lhe as graças divinas. E é sempre assim mesmo, no mundo. Ai dele, se a oração vier a faltar. Ela é a vossa força e a fraqueza do Senhor. Agora, reza-se pouco, no mundo, excessivamente pouco; e esta é a razão, a única razão pela qual as coisas vão assim tão mal. Pensa-se em transformar, em reformar, em descobrir sistemas melhores que os **ensinados** por **Mim** e a sagrada Tradição vos legou, e acaba-se por não rezar. Pensa-se em abolir as fórmulas, aquelas mesmas que **Eu ensinei** e empreguei. (...) Pretende-se não dar valor ao que **ensinou** a **Minha** própria **Mãe** e, ainda agora, **ensina** em todas as Suas aparições. O Rosário é cansativo, dizem. É monótono, e os jovens não o suportam. E assim eliminais as Nossas coisas, as **ensinadas** por **Nós**; e a oração, a vossa oração, começa por um acto de soberba. Que ireis então alcançar? A própria Igreja, na oração litúrgica, acaso se não serve de fórmulas que sempre são iguais e que repete? Não receeis enganar-vos, pondo em prática os Meus **ensinamentos**. (In *Jesus fala II*)

O ANÚNCIO

Folha Paroquial

Folha n.º 83

18 a 26 de Julho de 2009

XVI Domingo Tempo Comum

NESTE ANO SACERDOTAL (3)

*"Ao desembarcar,
Jesus viu uma
grande multidão e
teve compaixão deles,
porque eram como
ovelhas sem pastor.
Começou, então, a
ensinar-lhes
muitas coisas."
(Mc 6, 34)*



Mas quem era o Santo Cura D'ars (S. João Maria Vianney - padroeiro dos sacerdotes)?

Corria o ano 1818, alguns padres lamentavam, diante do bispo da cidade de Belley, na França a extrema ignorância teológica de um padre, de 32 anos. Tinha sido despedido do primeiro seminário, aos 20 anos, porque não conseguia entender o latim.

A teologia e a liturgia estavam fora do alcance de sua escassa inteligência. Tentara um segundo seminário e pelas mesmas razões, foi-lhe recusado.

Era o Padre João Baptista Maria Vianney que nasceu em 1786, perto de Lion, na França, vindo de uma família camponesa, pobre e humilde.

Apesar dos insucessos iniciais, queria tanto ser padre que seu antigo pároco compadeceu-se de sua aflição e resolveu prepará-lo pessoalmente, obtendo uma autorização do bispo local. Assim ajudado, chegou a diácono com 28 anos e no ano seguinte, e aos 29 ordenou-se Padre.

Não se sabe se por precaução ou não, mas a sua ordenação foi feita dicretamente na capela do Seminário Menor de Grenoble e, em seguida, nomearam-no coadjutor do seu antigo pároco para que este lhe completasse a sua formação. Ali permaneceu por mais três anos. Não aprendeu nem o básico. Quando muito serviria para parouquiar capelas distantes de pequenas cidades.

No período (1786/1814), a França vivia o clima de efervescência dos tempos da Revolução Francesa e da ascensão e queda do império napoleónico. A razão humana era a nova deusa à quem devia-se adorar e entendia-se que, juntamente com sua filha dilecta: a Ciência, explicaria todos os mistérios do mundo inclusive a fé.

Contudo, o Santo Cura D'Ars animado pelo Espírito Santo dispõe largamente de todas as virtudes que Deus lhe havia oferecido. Apesar das suas limitações, vai desenvolver as sementes do Bem que havia começado nele...

(Continua)

Neste Anuncio:

Neste ano sacerdotal 1

Cantinho da Palavra de DEUS 2

O Estilo do ensino de Jesus 3

Informações da Paróquia 4

Cantinho da Palavra de DEUS

A liturgia do 16º Domingo do Tempo Comum dá-nos conta do amor e da solicitude de Deus pelas “ovelhas sem pastor”. Esse amor e essa solicitude traduzem-se, naturalmente, na oferta de vida nova e plena que Deus faz a todos os homens.

Na **primeira leitura**, pela voz do profeta Jeremias, Jahwéh condena os pastores indignos que usam o “rebanho” para satisfazer os seus próprios projectos pessoais; e, paralelamente, Deus anuncia que vai, Ele próprio, tomar conta do seu “rebanho”, assegurando-lhe a fecundidade e a vida em abundância, a paz, a tranquilidade e a salvação.

O **Evangelho** recorda-nos que a proposta salvadora e libertadora de Deus para os homens, apresentada em Jesus, é agora continuada pelos discípulos. Os discípulos de Jesus são – como Jesus o foi – as testemunhas do amor, da bondade e da solicitude de Deus por esses homens e mulheres que caminham pelo mundo perdidos e sem rumo, “como ovelhas sem pastor”. A missão dos discípulos tem, no entanto, de ter sempre Jesus como referência... Com frequência, os discípulos enviados ao mundo em missão devem vir ao encontro de Jesus, dialogar com Ele, escutar as suas propostas, elaborar com Ele os projectos de missão, confrontar o anúncio que apresentam com a Palavra de Jesus.

Na **segunda leitura**, Paulo fala aos cristãos da cidade de Éfeso da solicitude de Deus pelo seu Povo. Essa solicitude manifestou-se na entrega de Cristo, que deu a todos os homens, sem excepção, a possibilidade de integrarem a família de Deus. Reunidos na família de Deus, os discípulos de Jesus são agora irmãos, unidos pelo amor. Tudo o que é barreira, divisão, inimizade, ficou definitivamente superado.

P.
Joaquim
Garrido,
P. Manuel
Barbosa,
P. José
Ornelas
Carvalho

O estilo do ensino de Jesus



O estilo do **ensino** de Jesus, chegou até nós, através dos evangelhos em forma de ditos curtos e precisos, mordazes, por vezes alusivos a situações que nos escapam, até mesmo enigmáticos, carregados de ironia e de paradoxo.

Neles sente-se um toque de originalidade. Denunciam um pensamento rápido, directo, e muito certo, servido por uma grande economia de palavras.

Qualquer que seja o tema, ele pensa e fala com imagens e quadros concretos, mostrando nisso uma clara preferência em relação às proposições gerais ou abstractas. Em vez de dizer «A Caridade não se compadece com a ostentação», diz, «Quando praticardes a caridade, não o anuncieis com trombetas» (Mt 6, 2). Onde poderia ter dito, «As relações humanas são mais importantes do que as observâncias religiosas», cria um quadro: «Se, ao trazeres a tua oferta ao altar, de repente te lembrares que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferta onde está diante do altar. Vai primeiro fazer as pazes com o teu irmão, e só então vem entregar a tua oferta» (Mt 5, 24). «Porque reparas no argueiro no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu?» (Mt 7, 3).

É este sentido do concreto, este gosto pela criação imaginativa de quadros, que deu origem às *parábolas*, elemento tão notável dos evangelhos [...] As *parábolas* (no sentido lato do termo) fundam-se numa observação larga e precisa da realidade. O seu Autor é alguém que observou com interesse e simpatia, mas sem sentimentalismo, e por vezes com humor, o modo como as pessoas se comportam. Reconheceu-lhes as virtudes espontâneas (a tocante afeição do pai pelo filho desorientado – cf. Lc 15, 11 –, ou a dedicação do pastor ao seu rebanho - cf. Lc 15, 4-7). As parábolas revelam um verdadeiro interesse do seu Autor pelas pessoas. Deve ter sido alguém com gosto em conviver com os mais variados tipos humanos. E, de facto, é assim que os evangelhos no-I'O apresentam. Recebia e aceitava convites para festas, ao ponto de ser criticado por não proceder como homem piedoso. Jantava com personalidades respeitáveis da sociedade, e tinha pelo menos um amigo que se movia nos círculos eclesiásticos mais elevados (era «conhecido do Sumo Sacerdote»). Jesus convivia com pessoas socialmente inaceitáveis e moralmente reprováveis. Foi censurado por ser amigo dos publicanos e pecadores (cf. Mc 2,13-17). Na sociedade grega o epíteto de «publicano» (aquele que recolhia os impostos) era expressão de repúdio.